

ONDA DE CALOR AFETA AS POPULAÇÕES DA AMÉRICA DO SUL

Por Amanda Chaparro (Cuzco (Peru), correspondência) e Bruno Meyerfeld (São Paulo, correspondente)

Nas últimas semanas, os países da América do Sul têm experimentado um calor recorde, com sensação térmica que, muitas vezes, se aproxima dos 60°C. A combinação entre os efeitos do aquecimento global, do fenômeno El Niño e o desmatamento na Amazônia é a responsável pelo calor sufocante.

É importante lembrar que apesar de ainda estarmos na primavera, recordes de calor são registrados no Brasil, Argentina, Peru, Bolívia e Paraguai. O subcontinente está passando por uma primavera extraordinária e "historicamente quente". O calor e a seca estão afetando milhões de pessoas e ameaçando as colheitas.

No domingo, 19 de novembro, a temperatura chegou aos 44,8°C em Araçuaí, em Minas Gerais, no sudeste do Brasil, a temperatura mais alta já registrada no país, de acordo com o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet). Durante a onda de calor sem precedentes em meados de novembro, metade dos 5.500 municípios do país foi colocada em alerta máximo.

O fenômeno gerou pânico e uma corrida para as praias. No Rio de Janeiro, com sensação térmica de 59,3°C, uma mãe chegou a quebrar a janela de um ônibus para que seu filho doente conseguisse respirar. O consumo de energia atingiu um recorde histórico em 14 de novembro, com o consumo de 101.475 megawatts.

A onda de calor também teve efeitos trágicos. Em 17 de novembro, uma estudante de 23 anos morreu de parada cardiorrespiratória em um show da cantora norte-americana Taylor Swift, em um estádio lotado, no Rio de Janeiro. Apesar das temperaturas extremas, os organizadores proibiram os fãs de levarem suas próprias garrafas de água.

Terreno perfeito para incêndios

Na Bolívia, 13 pessoas morreram de "insolação" e "desidratação" no final de novembro, de acordo com fontes do Ministério da Saúde do país, na região de Santa Cruz, na fronteira leste com o Brasil. A temperatura chegou aos 43,8°C. As autoridades especificaram que a maioria das vítimas trabalhava ao ar livre e que todas sofriam com condições delicadas de saúde, como diabetes ou pressão alta. A temperatura máxima foi atingida em uma pequena cidade no sul do país, na fronteira com a Argentina: 44,9°C. Algo jamais visto antes.

As áreas montanhosas não escaparam do fenômeno. Em La Paz, a capital administrativa boliviana, situada a 3.640 metros de altitude nos Andes, foi registrado um pico de 28,9°C no início de outubro, com radiação ultravioleta máxima. Os moradores se aglomeraram nos guarda-sóis oferecidos em cada esquina pelos vendedores ambulantes, que rapidamente se adaptaram à demanda.

A Amazônia também bateu recordes de temperatura: 41°C e 42°C, em território peruano, quando as temperaturas mais altas, nessa época do ano, costumam ficar entre 35°C e 36°C. Pelo menos cinco pessoas morreram entre o final de setembro e o início de outubro de "insolação", incluindo um soldado de 18 anos da região de Puno, a uma altitude de 4.000 metros, que chegou inconsciente ao

centro de saúde regional. As autoridades de saúde locais relataram um aumento nas consultas de pessoas com sintomas como febre, diarreia, vômito, desidratação e hipertermia.

"Um vento vertical esmaga a umidade e seu efeito de resfriamento. Combinado com a ausência de nuvens, a radiação é intensa e as temperaturas sobem, tornando-as ainda mais quentes. É nesse momento que ocorre a insolação", explica Nelson Quispe, do Serviço Nacional de Meteorologia e Hidrologia do Peru.

As temperaturas foram acompanhadas por secas extremas em várias regiões da América do Sul. No norte e nordeste do Brasil, a seca reduziu drasticamente os níveis dos rios na Amazônia. Grandes incêndios também devastaram o Pantanal, com mais de 4.000 focos registrados, em novembro, ou seja, vinte vezes mais do que em 2022.

Na Bolívia, mais de 105 municípios - 30% do total do país – declararam estado de emergência. Os níveis da água do Lago Titicaca, na fronteira entre o Peru e a Bolívia, estão no nível mais baixo de todos os tempos - menos de 2 metros - e a falta de chuva está afetando as plantações e a pecuária, da qual dependem 3 milhões de pessoas.

A exemplo do que acontece no Brasil, a seca na Bolívia, aliada a ventos fortes, tem sido o terreno perfeito para a propagação de incêndios difíceis de controlar. De acordo com o último relatório do Ministério do Meio Ambiente, 2 milhões de hectares de mata e pastagem e 935.000 hectares de floresta viraram fumaça desde o início do ano. Os incêndios florestais, que foram controlados no início de novembro, reacenderam em algumas regiões, gerando o aumento da poluição que pode ser sentido nas principais cidades do país, principalmente em La Paz.

Em outra manifestação das anomalias climáticas desencadeadas no continente, enquanto parte da região está passando por secas e ondas de calor, outras áreas estão sendo atingidas por chuvas torrenciais. Nos estados localizados na região sul do Brasil, as enchentes já causaram a morte de pelo menos oito pessoas. No Rio Grande do Sul, 25.000 moradores tiveram que ser evacuados e 3.300 estão desabrigados. No início de novembro, uma tempestade deixou 2,1 milhões de pessoas sem eletricidade em São Paulo.

Um "El Niño" precoce

Para o climatologista peruano José Marengo, "a América do Sul sofre com uma combinação de dois fenômenos: um El Niño cíclico precoce, que causa inundações por um lado e secas por outro e os efeitos severos do aquecimento global". Segundo ele, estamos apenas no início do processo. "Esperase que o El Niño amadureça e produza seus efeitos mais severos entre dezembro e janeiro, alcançando os meses de março e abril", adverte o cientista.

Os meteorologistas afirmam que o clima regional está se tornando cada vez mais difícil de prever, como um efeito direto das mudanças climáticas, com variações inesperadas: "Há áreas da Amazônia onde são registradas temperaturas muito altas e seca intensa. Ao mesmo tempo, a poucos quilômetros de distância, registramos chuvas torrenciais e muito localizadas", aponta Nelson Quispe, do Instituto Meteorológico do Peru.

No sul dos Andes, no Peru e na Bolívia, acredita-se que a seca e as temperaturas anormalmente altas sejam exacerbadas por outro fator: o desmatamento na Amazônia. A maior floresta tropical do mundo desempenha um papel fundamental no equilíbrio do sistema climático regional. "No Altiplano Andino, a principal fonte de umidade vem do Atlântico, graças à evaporação da Amazônia. Mas o

desmatamento está mudando a circulação atmosférica. Estimamos que isso leve a uma queda entre 10% e 30% na ocorrência de chuvas", observa Jhan Carlo Espinoza, climatologista do Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento, com sede em Lima.

Ele ressalta que, no governo de Jair Bolsonaro (2019-2022), o desmatamento explodiu no Brasil, e o processo de 'savanização' da Amazônia, em andamento, aumentará ainda mais esses episódios de seca e calor no futuro.

Diante dessa combinação dramática, os governos estão tentando agir com urgência. "Isso não tem precedentes", admite Regina Célia dos Santos Alvala, coordenadora do Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais do Brasil. Ao todo, 647 milhões de reais (121 milhões de euros) foram liberados para a região amazônica, e medidas específicas estão sendo tomadas para ajudar as pessoas mais pobres atingidas pela onda de calor nos principais centros urbanos. No que diz respeito a enchentes e deslizamentos de terra, "1.038 municípios estão sendo monitorados de perto, com informações transmitidas diretamente às autoridades federais e locais para que as pessoas possam ser evacuadas rapidamente".

Mas, para muitos observadores, isso não é suficiente. "Precisamos urgentemente pensar em adaptação: as mudanças climáticas são irreversíveis e estão fora de controle. Os fenômenos extremos já estão acontecendo", destaca Guilherme Syrkis, diretor do *think-thank* Centro Brasil no Clima. É necessário um investimento maciço, e de longo prazo, em ações como, por exemplo a construção de cisternas, reformas de prédios, revisões do sistema elétrico e realocação de populações, entre outras medidas. Será doloroso e caro, mas não temos mais escolha", afirma.

A pressão sobre os recursos está afetando os hábitos de higiene, a começar pela lavagem das mãos, e as autoridades estão alertando para o aumento do risco da propagação de epidemias, com graves consequências, principalmente para as pessoas mais vulneráveis, crianças e idosos. Freddy Armijo, Diretor Nacional de Epidemiologia do Ministério da Saúde da Bolívia, conversou com os repórteres do jornal Los Tiempos: "Algumas pessoas vão buscar qualquer tipo de líquido, por exemplo, água de poços que podem estar poluídos e isso leva a doenças gástricas", explica.

A distribuição de água potável também tem seus limites. "Na Bolívia, assim como no Peru e no Brasil, a topografia é muito irregular e há áreas muito remotas e de difícil acesso", ressalta Nestor Quispe, o que torna ainda mais difícil a ajuda das autoridades aos mais necessitados.